
A primavera midiartista de Don L¹

Antonio Teófilo Pinheiro Neto²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Resumo

O artigo analisa a faixa *primavera* do álbum *Roteiro para Aïnouz*, Vol. 2 (2021), do rapper Don L, através das obras “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019) e “Futuro ancestral” (2022) de Ailton Krenak. Apoiado no conceito de midiativismo, de Freitas (2021), como suporte metodológico, o texto questiona o conceito hegemônico e dominante do desenvolvimento do mundo. Assim, conclusivamente, são traçadas alternativas (e/ou estratégias) para se imaginar outro mundo, bem como o de pensar o futuro a partir de práticas decoloniais e contracoloniais, como propõe Krenak.

Palavra-chave: Don L; midiativismo; Ancestralidade; Ailton Krenak.

Introdução

Viralizou nas redes um corte de uma entrevista com a atriz e poeta Elisa Lucinda, onde falava sobre a importância do rap e do funk – e da urgência de parar o preconceito com esses gêneros musicais. Em sua fala, Lucinda defende: “O que se tem que entender é que o funk e o rap representam a vitória da palavra num ambiente extremamente abandonado pelo estado” (Elisa, 2024). Os olhos brilharam quando o algoritmo jogou esse vídeo na minha *timeline* e decidi abrir esse trabalho com essa fala tão potente: o rap representa a vitória da palavra. É através do rap que velhas ideias são questionadas e novas maneiras de pensar são construídas. E é isso que faz Gabriel Linhares da Rocha, o Don L.

Don L é um rapper que, embora tenha nascido em Brasília, cresceu em Fortaleza, absorvendo a cultura e o sotaque nordestino que se refletem em sua música. Ele se destacou inicialmente com o grupo Costa a Costa, marcando o rap nacional entre 2005 e 2013. Consolidando-se como uma figura influente na cena hip-hop, sua visão revolucionária o destaca entre os outros MCs (Araújo, 2018). O disco de Don que trago para análise no meu projeto de mestrado, o *Roteiro para Aïnouz*, Vol. 2, resgata o passado como ferramenta crítica ao presente, não como nostalgia, mas como

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: theopinheironeto@gmail.com

posicionamento. O álbum impulsionou o artista ao mainstream, rendendo-lhe o título de *Artista do Ano* pela APCA em 2022 (Bernardes, 2022).

Na minha pesquisa, estudo como as letras e os visuais do álbum *Roteiro pra Ainouz, Vol 2*, do rapper Don L, utiliza elementos textuais e imagéticos como ferramentas de articulação de práticas sociais e decoloniais a partir da Análise da Materialidade Audiovisual de Iluska Coutinho (2016). Além de pensar o conceito de midiartivismo de Freitas (2019) como metodologia, minha maior pretensão neste trabalho é pensar nas ideias de Ailton Krenak (2019) também como um método de pesquisa e análise, para a partir da obra de Krenak conseguir visualizar a obra de Don L – e de tantos outros artistas – de outra forma.

Quando percebi que havia um diálogo entre as obras do rapper Don L e do Ailton Krenak tive certeza do que queria estudar nessa etapa da minha vida. Em *primavera* (2021), Don L diz sobre "valorizar as tecnologias ancestrais que temos para induzir um sonho dentro de um pesadelo e, entre um traçante e outro, dilatar o tempo e imaginar um mundo novo", e a potência desse verso faz com que eu acredite que ele poderia ser facilmente uma passagem de um dos livros de Krenak, como quando fala em *Futuro Ancestral* de 2022, que “os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (Krenak, 2022, p. 11).

Pensar no futuro sempre foi um ponto de tensão e de ansiedade para mim – sobretudo por questões capitalistas, até agora. Mais que uma contribuição para o meu programa e para a academia como um todo, a pesquisa tem me (re)feito pensar o futuro, descobrindo outros mundos, reflorestando o nosso e aprendendo a olhar para o passado pensando na continuidade dos saberes – parando de procurar um futuro inédito.

Por ser, entre as músicas do álbum, aquela que condensa de forma mais potente elementos que atravessam tanto a lírica de Don L quanto o pensamento de Krenak, escolhi *primavera* (2021) para análise nas seções a seguir, a sexta faixa do *Roteiro pra Ainouz, Vol. 2*, onde Don L se junta ao artista pernambucano Giovani Cidreira e ao paulista Rael. A canção, que leva o nome da estação que, para muitos povos, simboliza o renascimento, apresenta uma narrativa otimista em torno do sonho de construção de um mundo novo, repleta de referências a grandes pensadores. Além disso, nos convida a

repensar nossa relação com o consumo, com a publicidade de um mundo globalizado e com a Terra — enquanto natureza e enquanto extensão de nós mesmos.

Voltamos a falar dos sonhos pelas manhãs

*que mundo errado que nos separou de nós
eu nunca soube reparar as estações
nessa de céu não poder parar sem sentir ficar pra trás
uma temporada ou mais de desilusões*

*na luta pra ninguém silenciar nossa voz
voltamos a falar dos sonhos pelas manhãs
a nossa terra fértil foi vencendo o concreto
o nosso reflorestamento erguendo-se em fé e eu*

primavera, Don L

Quem conhece a obra de Krenak e dá *play* em *primavera* consegue perceber como a sensação de desunião e a incapacidade de reconhecer os ciclos naturais que Don L canta no primeiro verso, ecoam as preocupações do imortal. Krenak (2019, p. 46) argumenta que estamos "exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa", denunciando como a lógica desse *mundo errado* – que Don canta – nos afastou de uma "casa comum" que poderia ser cuidada por todos.

O afastamento do ambiente natural e com formas de organização não integradas ao sistema hegemônico que coloca em risco a própria existência, gerando um "desarranjo regional" e uma "falta de perspectiva política" que nos impede de "nos erguer e respirar, ver o que importa mesmo para as pessoas, os coletivos e as comunidades nas suas ecologias" (Krenak, 2019, p. 23).

A discussão sobre a urgência imposta pela sociedade do desempenho, onde *céu não poder parar, sem sentir ficar pra trás, uma temporada ou mais de desilusões* encontra a obra de outro autor, Byung-Chul Han (2015). Para Han, a sociedade contemporânea é marcada por uma autoexploração que, embora gere um sentimento paradoxal de liberdade, resulta em violência psíquica: "o explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos", afirma Han (2015, p. 30).

Apesar da exaustão e das decepções retratadas no início da faixa, Don lidera ainda nessa primeira parte uma virada narrativa, apontando para a resistência e a resiliência como caminhos. E ele segue *na luta pra ninguém silenciar nossa voz*, ressaltando o senso de coletividade presente em toda sua obra e volta *a falar dos sonhos pelas manhãs*, simbolizando não apenas a lembrança individual do que se sonhou, mas também a revalorização de uma prática ancestral.

Sonhar como forma de projetar futuros possíveis e resistir à opressão — algo que foi apagado ou deslegitimado pela racionalidade ocidental e dialoga com o que Sidarta Ribeiro (Ribeiro, 2021) defende em sua pesquisa sobre os sonhos. Ribeiro (2021), ao mostrar que os sonhos já foram considerados formas legítimas de acessar o futuro e ainda hoje são centrais em cosmologias indígenas (como a dos Yanomami, com o xamã Davi Kopenawa), reforça a ideia de que sonhar é também um ato político.

O encontro de Don L com Sidarta Ribeiro se dá no entendimento de que sonhar não é fuga da realidade, mas sim um ato de afirmação, reconexão com saberes ancestrais e construção de novos horizontes coletivos — especialmente para povos historicamente silenciados.

O chamado à experiência de florestania, conceito proposto por Krenak (2022), aparece de forma simbólica na transição que conduz ao refrão da faixa. Quando Don L canta que *a nossa terra fértil foi vencendo o concreto, o nosso reflorestamento erguendo-se em fé*, ele pode estar falando sobre a fé que sustenta o reflorestamento — mas também sobre a fé que impulsiona movimentos sociais, culturais e ambientais na luta por dignidade e preservação. Sendo assim, o concreto a ser vencido não representa apenas a urbanização excessiva, mas também as estruturas históricas que buscam silenciar, sufocar e padronizar a diversidade, os territórios e as formas de existir.

A única luta que se perde é a que se abandona

*eu que sou de onde a miséria seca as estações
vi a primavera florescer entre os canhões e não recuar
eu que sou de guerra dei o sangue na missão de regar a terra
se eu tombar vão ser milhões pra multiplicar*

*a única luta que se perde é a que se abandona e nós nunca
nunca abandonamos luta, nunca, nunca*

*hay que endurecer sem nunca, sem nunca perder a ternura
meu swag, meu estilo, eles não vão ter, nunca, nunca*

primavera, Don L

Entender de onde vem a cultura *hip-hop*, a vivência compartilhada das vozes que dividem a letra e ainda saber que Don L cresceu em Fortaleza e se reconhece como nordestino é um bom começo para perceber com atenção quando Rael canta: *eu que sou de onde a miséria seca as estações, vi a primavera florescer entre os canhões, e não recuar*. Esse lugar onde a miséria seca as estações pode até lembrar uma representação do Nordeste estereotipado, mas acredito representar bem mais que isso.

Podemos pensar desde o lugar da periferia negligenciada e esquecida pelo estado nos grandes centros até o interior do interior em uma cidade pequena do nordeste, e ainda todas as interseções que podem surgir entre esses territórios. A primavera que floresce entre os canhões simboliza a insistência no terreno, a ligação com o território – que antes foi fertilizado, venceu o concreto e que ergueu-se em fé. O não recuar é o pagar para ver, *é apostar a vida nas rimas do primeiro disco*, como Don L canta em *Beira de Piscina (Remix)* – faixa que coincidentemente (ou não) também tem a participação do Rael.

O rapper ainda apresenta-se como alguém forjado pela luta, alguém *de guerra*, mas que apesar disso dá *o sangue na missão de regar a terra*. Criando um contraponto entre violência e cuidado, colocando a mesma disposição combativa que enfrenta o sistema também como força para a construção de um futuro fértil, coletivo. O contraste entre a guerra e a esperança, entre o sacrifício individual e a continuidade coletiva.

O verso *se eu tombar vão ser milhões pra multiplicar*, reforça a consciência que Don tem de seu papel como símbolo para outros jovens periféricos, para aqueles que partilham de sua trajetória social, racial e artística. Declarando em música a noção de legado e de continuidade da luta. Essa percepção de pertencimento a um todo e de responsabilidade com os que virão é também atravessada por ideias de Krenak:

Trata-se de sentir a vida nos outros seres, numa árvore, numa montanha, num peixe, num pássaro, e se implicar. A presença dos outros seres não apenas se soma à paisagem do lugar que habito, como modifica o mundo. Essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação. Não para um tempo e um lugar imaginários, mas para o ponto em que estamos agora (Krenak, 2022, p. 102).

Ao longo dessa primavera, outras figuras históricas e simbólicas ganham força. Don dialoga diretamente com frases que se tornaram lemas de resistência nos movimentos sociais. A primeira é de Carlos Marighella: “A única luta que se perde é a que se abandona”. A segunda, popularmente atribuída a Che Guevara, mesmo sem comprovação documental: “Hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás”.

Juntas, essas frases constroem um refrão que funciona como um lembrete de que a luta é contínua, mas que, apesar disso, não se resume só a isso. Acredito que a potência desse refrão seja, inclusive, um dos principais fatores que fizeram da faixa a mais ouvida do disco, ultrapassando atualmente 6 milhões de reproduções na plataforma *Spotify* — uma diferença de mais de 2 milhões em relação às demais músicas do álbum.

Destaco também a provocação que fecha o refrão: *meu swagg, meu estilo, eles não vão ter, nunca!* Uma afirmação identitária que celebra a cultura urbana e o movimento *hip-hop* como uma expressão estética e também um posicionamento político: A estética única, a forma de falar – ou de não falar – e a trajetória de Don são, por si, formas de resistência.

A guerra que me pôs a repensar meus sonhos: quanto neles era só publicidade?

*a guerra que nos reaproximou de nós
é a mesma que me pôs a repensar meus sonhos
o quanto neles era só publicidade?
fazendo acreditar que eram meus próprios planos*

*medo de fazer meus próprios planos serem
nossos planos mesmo que eu tombe antes de vê-los
agora vendo florescerem inevitavelmente
eu sei que estarei lá no dia que eles finalmente cheguem*

*um dia desse eu tava meio cabreiro
sem saber o que pode me acontecer
e não ver o fruto que eu plantei em algum janeiro
mas tive um relampejo de que já estão aí
e a gente pode ser feliz agora mesmo*

primavera, Don L

Na segunda parte da faixa, Don L apresenta a guerra como principal ponto de partida para a urgência de aquilombamento. Quando canta que a *guerra que nos*

reaproximou de nós, é a mesma que me pôs a repensar meus sonhos, o artista descreve um processo de crise que, ao mesmo tempo em que gera dor e destruição, cria encontros, debates e revisões de planos individuais e coletivos. O repensar dos sonhos vem, a meu ver, como uma crítica ao sistema capitalista, materializada na indagação do verso seguinte: *o quanto neles era só publicidade? fazendo acreditar que eram meus próprios planos*.

Essa provocação dialoga com a reflexão de Krenak, que propõe uma reconexão com o sonho que vai muito além da ideia de “sonho de consumo”. Ele afirma que devemos “reconhecer essa instituição do sonho não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia” (Krenak, 2019, p. 25).

A crítica de Don L à publicidade como fabricante de desejos espelha a advertência de Krenak (2019) contra a banalização dos sonhos. Não se trata apenas de aspirar ao próximo emprego ou carro, mas de abrir-se a “outras visões da vida não limitada”, como aponta o autor (Krenak, 2019, p. 32). Essa discussão leva também à crítica mais estrutural de Krenak (2019) ao consumo enquanto substituto da cidadania: “Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania” (Krenak, 2019, p. 24). Em outras composições, como em *Linha de Frente* (2022), o rapper também fala do cansaço dessa “confusão entre vida e publicidade, arte e geração de likes”.

O trecho seguinte da música traz o *medo de fazer meus próprios planos serem nossos planos, mesmo que eu tombe antes de vê-los*. Apresentando a vulnerabilidade diante da construção coletiva e o receio de projetar planos para um coletivo – podendo nem viver o suficiente para ver esses frutos. É bom perceber que apesar disso, o artista está ciente do alcance de sua voz, música e ativismo, que conquistaram prêmios e são debatidos amplamente, inclusive neste trabalho. Don L continua a narrativa dando significado a todos que acompanham e propagam suas ideias ao cantar *agora vendo florescerem, inevitavelmente eu sei que estarei lá, no dia que eles finalmente cheguem*. Os sonhos, antes individualizados e moldados pela publicidade, agora ganham dimensão coletiva e histórica.

Ainda dentro da noção de memória, legado e da presença que resiste mesmo na ausência física, Don avança na faixa com mais uma reflexão que mistura a ansiedade de

pensar no futuro com o reconhecimento do presente, dos frutos já visíveis. Quando diz que *a gente pode ser feliz agora mesmo* estaria o *rapper* nos convidando a celebrar as pequenas – se é que podemos medir – vitórias?

As tecnologias ancestrais para dilatar o tempo e imaginar um mundo novo

*apesar da batalha, o pente cheio
as tecnologias ancestrais nós temos
pra induzir o sonho dentro de um pesadelo
entre um traçante e outro
dilatar o tempo e imaginar um mundo novo*

primavera, Don L

A imagem do *pente cheio, apesar da batalha*, reflete a resistência em se manter fiel ao que acredita em meio aos conflitos e, ainda mais literal, surge como provocação direta à cultura de armas, ganhando ainda mais força quando analisada em conjunto com a imagem de “guerrilheiro” contracolonial que Don L criou em torno do disco, fazendo sentido contrariar as armas, as balas e formas de luta dos colonizadores. Quando *as tecnologias ancestrais* são apresentadas em seguida, entendemos que as armas ancestrais e os saberes tradicionais são as ferramentas ativas mais funcionais e eficazes nessa guerra – e são essas as armas que o *rapper* tem.

A proposta de *dilatar o tempo e imaginar um mundo novo* dialoga diretamente com as reflexões de Krenak (2019), já que imaginar um mundo novo implica necessariamente pensar no fim deste como o conhecemos, uma ideia que historicamente nunca foi bem recebida. E como Krenak diz, o fim do mundo é "uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder" (Krenak, 2019, p. 30).

Nesse momento a ancestralidade invocada remete ainda mais a faixa aos saberes tradicionais, trazendo Krenak e seus conhecimentos ainda mais para perto, encerrando a análise com uma citação que apesar de não ser direta, poderia ser facilmente uma fala ou passagem em um dos livros de Krenak – como já falei na introdução deste trabalho.

Considerações finais

Essa composição, além de me provocar reflexões sobre memória e legado, também me instiga a questionar o verdadeiro significado de sonho e as possibilidades de construção de futuros coletivos. Me pergunto: quanto de mim existe nos meus sonhos? E quanto do outro? São perguntas que, embora não tragam respostas definitivas, encontram acolhimento nas reflexões de Ailton Krenak sobre a forma como temos nos relacionado conosco mesmos e com a coletividade. Como lembra o autor: “É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros” (Krenak, 2019, p. 13).

Essa ideia de fricção, da diferença e da coletividade como motores de transformação é central para pensar caminhos possíveis. Krenak reforça que “o fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida” (Krenak, 2019, p. 16).

A importância de discutir temas, promover debates e trazer a arte para dentro da academia também dialoga com o pensamento de Krenak. Ele nos convida a fazer desses encontros criativos uma fonte de ânimo e compromisso com a vida:

Tomara que estes encontros criativos que ainda estamos tendo a oportunidade de manter animem a nossa prática, a nossa ação, e nos deem coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos (Krenak, 2019, p. 24).

Assim como, para os povos indígenas, cantar é uma tradição que “suspende o céu”, o rap de Don L assume um papel midiartista capaz de trazer a primavera para qualquer estação. Suas canções ressignificam dores e anunciam futuros possíveis, atuando como resistência estética e política. Como aponta Krenak:

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado (Krenak, 2019, p. 15).

Tensionamentos como esses – entre arte e ativismo, entre a guerra e as possibilidades de paz, entre o fim do mundo e a construção de um mundo novo – quando colocados dentro de uma faixa musical, chegam a lugares que a teoria e o conceito isolados dificilmente alcançariam.

A capacidade de traduzir questões e transformar arte em um campo fértil de discussão política, além de posicionar o rap como uma tecnologia ancestral contemporânea e popular – que flui nas brechas do pensamento hegemônico estabelecendo redes e espalhando conceitos que vão além de limites acadêmicos – parece ser o que Don L faz de melhor.

Referências

ARAÚJO, Peu. Dindim para Don L. **piauí**, São Paulo, edição 138, mar. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/dindim-para-don-l/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BERNARDES, José Eduardo. Artista do Ano da APCA, Don L explica ausência na capa dos jornais: “Sou abertamente comunista”. **Brasil de Fato**, [S. l.], 08 fev. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/podcast/brasil-de-fato-entrevista/2022/02/08/artista-do-ano-da-apca-don-l-explica-ausencia-na-capa-dos-jornais-sou-abertamente-comunista/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39., 2016, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos** [...] São Paulo: USP, 2016.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Midiativismo em tempo de pipa**: música, poesia e arte a favor do ativismo social. Boitatá, Londrina, v. 16, n. 31, p. 83–95, 2021.

ELISA Lucinda - Mais Preta EP04 - #Novabrazil. Adriana Couto entrevista Elisa Lucinda. [S. l.]: Zeca MCA, 06 jun. 2024. 1 vídeo (60 min 42s). Publicado pelo canal Novabrazil. Disponível em: https://youtu.be/VF4JmL-O5oY?si=XW_bhEaLvshSp0eH. Acesso em: 05 jun. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

RIBEIRO, Sidarta. Sonhar é preciso. **UFRN**, Imprensa – Reportagens e Saberes, Natal/RN, 25 de novembro de 2021. Entrevista concedida a José de Paiva Rebouças (Agecom/UFRN). Disponível em: <https://ufrn.br/imprensa/reportagens-e-saberes/53350/sonhar-e-preciso>. Acesso em: 15 jun. 2025.